

PDT também pode trocar Vice

A indefinição do segundo lugar na eleição não impediu que os principais militantes do PDT dedicassem boa parte de ontem a especulações sobre possíveis alianças de Leonel Brizola, caso ele chegue ao turno final. O único consenso é a necessidade de negociar a vaga de Vice com um nome expressivo de São Paulo ou de Estados em que a votação do PDT decepcionou.

Em São Paulo, o nome mais cotado para as primeiras investidas é o do Senador Mário Covas, maior revelação da eleição; em função do número expressivo de votos que recebeu no maior colégio eleitoral do País. Como nada garante que ele aceitará a proposta, o nome do ex-Ministro Almir Pazzianotto voltou a frequentar as rodas do PDT.

No Nordeste, as atenções se voltam para o ex-Governador da Bahia Waldir Pires, bastante cotado também pela Frente Brasil Popular para substituir o Senador José Paulo Bisol. Waldir é íntimo do Deputado federal Bocayuva Cunha, amigo de Brizola.

Em Minas, outro grande colégio em que o resultado eleitoral do PDT deixou a desejar, as opções não são muitas. Ao defender a criação de um frentão para

enfrentar Collor de Mello, Brizola fez com que o ex-Governador Hélio Garcia fosse lembrado como aliado pelo "conservadorismo lúcido"; outra expressão criada por Brizola.

Outro consenso entre as lideranças "progressistas" é a necessidade urgente de alterar estruturas montadas em diversas Estados para o primeiro turno. A autocritica que está sendo feita pelo PDT aponta para mudanças estratégicas no comando da campanha, em locais como São Paulo (Aírton Soares) e Pernambuco (Fernando Lyra).

Na opinião do jornalista Neiva Moreira, integrante da Executiva nacional, a intransigente defesa do parlamentarismo pelos "tucanos" pode ser um empecilho à escolha de Mário Covas como Vice.

Neiva afirmou ontem que vários erros foram cometidos na campanha. Um deles teria sido a falta de investimentos em Minas e no Nordeste. Ao contrário do que se pensava, a realização de comícios teve importância tão decisiva quanto a TV.

— Pensamos que o eleitoral mineiro ainda era guiado pelos chefes políticos locais, mas isso não ocorreu e o PT surpreendeu — disse Neiva.